



EXPERIÊNCIAS ENTRE IMAGENS E PALAVRAS: CORPO, DOBRA E FLUXOS

Barbara dos Santos¹

Resumo: Avessos em escombros, em ruínas. Palavras, linhas, fragmentos, restos, papel toalha engordurado, papel de pão rabiscado... as múltiplas formas de registros conectam palavras e imagens em suspensão. Aquilo que está escondido, rachado, bifurcado, movediço carregam as subjetividades e as possibilidades de pensar para além do que está à vista. Nos entretempos, as linhas de fuga nos chacoalham e nos levam a direções outras. Os avessos percorrem em linhas molares por espaços que estão no fora. Textos e escritas em movimento. O traço carrega a sua trajetória e corre pelos planos moleculares em espera. As experimentações entre palavras e imagens é o exercício do corpo como dobra dele mesmo. Atravessar, planificar, dobrar, contaminar como possibilidades para construção de planos de imanência em multiplicidade. Dessa forma, ao apostar nos escombros e nas ruínas como materialidades possíveis para educações outras, apostamos também nos processos de criação como potências em devir que se desdobram no chão, nos muros, nas sarjetas. Restos de passagem. Ao pisar no solo, vê-se rachaduras, fissuras, bifurcações que se misturam entre pegadas, restos de terra, areia, sedimento e o trabalho árduo dos insetos. O ato de coletar ruínas é o exercício da escuta atenta e nos coloca em contato com outros devires. Assim, nos propomos a pensar no ato de coletar, que também pode ser desmembrado para a ideia de catar, na qual ao coletar os restos de passagem, habita-se por linhas em fluxo, que se movimentam e se materializam em fragmentos de vida. Os restos de passagem são palpáveis em imagens, cujo campo de visão não é a frente, mas o próprio chão. É preciso que o corpo toque o solo, agarre a reticência, se curve sobre o acontecimento e registre em linhas de luz as afetações no campo alargado da experiência. A câmera é andarilha no processo de catação, ela transvê aquilo que não é aparente, mas essencial, lúcido. Tear em suspensão: tessituras, tecidos, urdiduras. Emaranhamentos de uma estrada sem destino. Arremate. Deslocar-se para tecer, com imagens e palavras, o sentimento do mundo. O ato de bordar carrega na sua ancestralidade a história que é contada e vivenciada no cotidiano da experiência. Cada ponto, no movimento da agulha, se conecta com outros pontos que estão dispersos, em esquinas, nas constelações do imaginário. Tessituras são fragmentos de escritas do bordado, a partir dos pontos e das linhas que conectam os átomos em ação rizomática. Neste sentido, apostamos nas experiências do bordar como o grande tear das nossas histórias e das memórias, entrelaçadas pelos ato dos corpos sobre o papel, tecido, folhagem como materialidades possíveis. Escritas de bordado que se revelam como potencialidades do ato de urdir, tramar, emaranhar, tecer com outros pontos em cartografias outras. O bordado como exercício de vida, da imanência, do respiro, do risco. Pensar a trajetória de outras educações, na qual a criação se movimenta pela trama em fluxo. Limite e repouso, fissuras em vazão. O que pode um papel amassado? Volta a sua forma original? A ação física flutua sobre o que será, no limite e repouso. Num ato de criação, tenta-se operar com a física e a gravidade, na qual o

¹Mestra em Ensino de Artes pelo Instituto de Artes da UNESP. Orientadora pedagógica na Prefeitura de Campinas. Artista visual, fotógrafa, bordadeira e escritora. E-mail: b.santos01@unesp.br

carretel repousa sobre o papel, puxado por uma linha que tensiona e reverbera para o limite da ação. Uma folha que é amassada, retorna para a sua forma inicial com marcas de um ato pensado, com a caneta, interfere-se na superfície com o marcador, buscando em relevos os silêncios dos espaços... perfura-se todos eles, tentando encontrar vazão, fissuras, rachaduras que compõe o plano do pensar por linhas de fuga, linhas de errância em trânsito. O que pode um corpo-linha? Nas batidas, nos estalar de dedos, na rítmica do corpo, na dinâmica do cotidiano e na imensidão, uma ponta de caneta passeia pelo papel. Com os olhos fechados e suspiro leve, eis a poética do acontecimento. Temos descritos até aqui, quatro experiências no campo da cartografia, que dialogam com o devir docências, na qual as margens e as fronteiras são criações em transbordamentos, são fluxos que provocam rachaduras, bifurcações, escapes, que arrastam, que nos tira do lugar, que mobilizam, que provocam afetações em movimento.

Palavras-chave: Acontecimento; Imagens; Palavras.

REFERÊNCIA

SANTOS, Barbara dos. Proposta para Linhas e Cosmos e Educação. **Linha Mestra**, Campinas, v. 18, n. 53, p. 214-2016, abr./jul. 2024. Disponível em: <<https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/issue/viewIssue/42/92>>. Acesso em: 02 jul. 2024.